



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O



A LUTA PELA IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DE UMA LITERATURA AUTENTICAMENTE NEGRA DOS SÉCULOS XIX AO XXI

RAYANA LIMA RODRIGUES - UEPB
141233885

RAYANNE EMMANOELLA LEAL DA COSTA - UEPB
141230037

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

emanuellaleal@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo abordar a trajetória da construção da “literatura negra” e da enunciação do negro na literatura brasileira dos séculos XIX ao XXI através da análise comparativa de poemas de Luís Gama e Conceição Evaristo. Temos por intuito refletir sobre a construção da literatura negra no Brasil visando compreender as mudanças ocorridas nessa construção de identidade e quais os fatores foram determinantes para essa mudança de representação ao longo do tempo. Assim como, analisar como se deu essas representações na literatura.

Palavras-Chave: Luis Gama. Conceição Evaristo. Trajetória do negro na literatura brasileira.

Introdução

Através de suas diversas formas de expressão a literatura constrói ideologias, posicionamentos, imagens, representações, enfim, identidades de determinados grupos. Essa construção de “identidade” tem íntima relação com os interesses econômicos, sociais, políticos e culturais podendo ter

particularidades de seu próprio país ou ser reflexo de outros e é construída a partir da atribuição de características a grupos criando uma espécie de representação. Mas, é importante considerar que a literatura principalmente no que se refere à suas primeiras expressões foi um dos pilares da formação burguesa humanista, que sempre gozou de *status* privilegiado ante as outras



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

disciplinas, dada a tradição letrada de uma elite que comandava os destinos da nação. Era tão valorizada que chegou mesmo a ser tomada como sinal distintivo de cultura. Logo, os grandes escritores representantes da literatura nacional vinham das camadas altas da sociedade. Esse fato é de grande importância, pois ao ter indígenas, negros, mulheres entre outros grupos que não faziam parte dessa elite a literatura estava muito distante de formar uma representação autêntica, na verdade explicitava a cultura dominante do europeu que ditava as regras e referenciais de valores como se fossem universais.

Para nós, trataremos da trajetória da construção da “literatura negra” e da enunciação do negro na literatura brasileira dos séculos XIX ao XXI através da análise e comparação de poemas de Luís Gama e Conceição Evaristo. Temos por intuito refletir sobre a construção da literatura negra no Brasil visando compreender as mudanças ocorridas nessa construção de identidade e quais os fatores foram determinantes para essa mudança de representação ao longo do tempo. Assim como, analisar como se deu essas representações na literatura.

METODOLOGIA

O negro durante toda a história sofreu com a marginalização de seu povo, cultura e

costumes e possui todo um histórico de exploração, sofrimento e escravidão. A literatura através de suas expressões e de seu poder de construir identidades e representações, mais que isso, por possuir todo um papel social de espaço de denúncia retrata toda essa trajetória do negro em diversas obras. Aqui o enfoque foi dado aos poemas de Luís Gama e Conceição Evaristo que representarão a enunciação do negro do século XIX ao XXI.

RESULTADO E DISCUSSÃO:

A ENUNCIÇÃO DO NEGRO NO SÉCULO XIX e XX

O conceito de *raça* emergiu no século XVII em decorrência da exploração mundial. Nesse momento da história os europeus despertaram para o fato de que existiam muitos outros povos e culturas. O termo foi então incorporado ao uso popular e às taxonomias científicas. A princípio, no uso comum transformou-se em ideologia racista e nos meios científicos despertou o interesse dos estudiosos sobre a existência ou não de origens raciais diversas. No século XIX – o debate ficou centralizado na questão da igualdade. Os discursos populares e científicas serviram de justificativa ideológica para a escravidão, o nacionalismo e o imperialismo.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Tendo em vista que a literatura reflete a realidade da sociedade que a constitui, ou seja, que sua expressão varia de acordo com a época, o enunciador, a ideologia e política dominante a enunciação do negro no século XIX estava profundamente ligada a essas ideologias racistas e sofria uma espécie de “branqueamento”. Isto porque, embora o surgimento do negro como tema em obras significasse um avanço para a literatura negra, já que antes disso o negro não era expresso nas obras, essa inserção como tema não era o suficiente para constituir uma identidade para esse grupo pois, o que se tinha era uma visão distanciada em que o negro aparecia como objeto e apresentava características que não eram próprias de sua cultura. Ou seja, havia uma falsa representação de sua imagem, uma prevalência de tradição de clichês e estereótipos com relação a condição negra. Na verdade, falava-se sobre o negro a partir de uma estética branca dominante mas não havia propriamente uma literatura “negra” que fosse comprometida com suas realidades, causas, culturas, tradições e posicionamentos.

Contudo, sabendo que literatura está intimamente relacionada com interesses da classe dominante não é de se estranhar que as obras trouxessem os negros expressos dessa maneira. Somente depois dos anos 60 emergiram os primeiros posicionamentos

engajados nas causas negras eclodindo significativamente a partir dos anos 70 e 80.

Em meados do século XX – o conceito de raça começou a ser desmistificado devido à sua classificação arbitrária. A questão tornou-se óbvia: a classificação em raças não se sustentou, pois é baseada em estereótipos racistas e racionalista e não possuem fundamentos para existirem. Daí por diante as obras que tinham o negro como “tema” adquiriram um caráter sócio-histórico da realidade do negro, um comprometimento com a dimensão da luta contra o racismo, um papel social de conscientização e manifestação de denúncia e construção de identidade.

A análise que aqui se estabelece trata-se de considerar o negro enquanto autor e dono da mensagem que, como sujeito apto a colocar-se e expressar-se conforme lhe convém, transmite. Destaca-se, então, a voz do autor como própria e denunciante de uma condição, época, contexto e realidades sociais característicos de determinado espaço de tempo vivenciado pelo autor.

A história do escritor Luiz Gonzaga Pinto da Gama, nascido em Salvador, 1830 – 1882, traduz em si certo quê de intriga, entenda-se: filho de escravos, Luiz Gama (como é popularmente conhecido), foi vendido aos dez anos de idade pelo próprio pai, com o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

propósito de pagar uma dívida de jogos em 1840. Comprado em leilão e alfabetizado por Antônio Rodrigues de Prado Junior, em 1847, aos 17 anos; fugiu para São Paulo onde casou-se por volta de 1850. Frequentou na cidade de São Paulo o Curso de Direito, apenas como ouvinte, mas não chegou a concluí-lo. Fundou os jornais Diabo Coxo (1864) e Radical Paulistano (1869), este em parceria com Rui Barbosa. Participou em outros jornais da época, como o “Ipiranga”, “O Polichinelo” entre outros.

O objeto da presente análise trata-se do poema “Quem sou eu”, popularmente conhecido por “Bodarrada”, publicado na principal obra de Luiz Gama: “Primeiras Trovas Burlescas do Getulino”, de 1859.

Convém destacar brevemente alguns aspectos relativos à forma do poema em análise. Seus versos, compostos por sete sílabas formam o todo da obra escrita. A rima e a métrica, pontos que serão melhor desenvolvidos, são elementos responsáveis por garantir a ideia de ritmo ao poema. Tem-se assim, determinada melodia expressa nos versos:

“O/ que/ sou/ e/ co/mo/ pen/so

A/qui/ vai/ com/ to/do/ sen/so

Pos/to/ que/ já/ ve/jo/ ira/dos

Mui/tos/ lor/pas/ en/fu/na/dos”

Quanto à métrica, o poema é composto por redondilhas maiores, ou seja, versos heptassílabos (sete sílabas):

1 2 3 4 5 6 7
“O/ que/ sou/ e/ co/mo/ pen/so

1 2 3 4 5 6 7
A/qui/ vai/ com/ to/do/ sen/so

1 2 3 4 5 6 7
Pos/to/ que/ já/ ve/jo/ ira/dos

1 2 3 4 5 6 7
Mui/tos/ lor/pas/ en/fu/na/dos”

Quanto à rima, resultado de sons iguais entre as palavras em diferentes versos, organizam-se em pares AA/BB:

Pois se todos têm rabicho,

Para quê tanto capricho?

Haja paz, haja alegria

Folgue e brinque a bodaria

Cesse pois a matinada

Porque tudo é bodarrada.

Trata-se de versos emparelhados (em pares), nos quais o primeiro combina com o segundo, o terceiro com o quarto e assim sucessivamente.

Quanto à tonicidade pode-se afirmar que, em sua maioria, os versos caracterizam-se como



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

graves, pois rimam palavras paroxítonas, se tem por exemplo:

“Eu bem sei que sou qual grilo

De maçante e mal estilo;

E que os homens poderosos

Hão de chamar-me tarelo

Bode, negro, Mongibelo;”

Os versos que fogem a esse padrão são poucos e podem ser classificados como versos de tonicidade aguda, são exemplos:

“Fujo sempre à hipocrisia,

À sandice, à fidalguia;

Das manadas de Barões?

Anjo Bento, antes trovões.

(...)

Vomitando maldições

Contra as minhas reflexões”

Quanto à sonoridade, os versos possuem uma perfeita identidade nos sons finais, e semelhança entre as últimas vogais e/ou consoante, sendo assim versos de sonoridade perfeita.

Segundo o que foi analisado, pode-se dizer que o poema segue uma forma clássica, característica do romantismo.

Considerando a crítica que Luiz Gama faz no poema “Quem sou eu” e relacionando-a ao contexto da época, podemos afirmar que a escrita/leitura do poema denuncia uma sociedade que, apesar de diversa, é construída sob base de preconceitos e posturas negativas em relação ao outro que, enquanto negro, era marginalizado. Base essa formada em um período que ainda ressoava a escravidão dos negros no Brasil.

O poema é uma forma de expressão de pensamento, sabe-se isso, pois o autor deixa claro: “O que sou e como penso/ Aqui vai com todo senso”. Segue-se, a partir dessa perspectiva de ser e pensar um relato que vê o ser humano de igual para igual, independente de sua cor ou raça. Interessa observar que o autor tem consciência das críticas de reprovação que poderiam ser direcionadas ao seu trabalho, pois logo após admitir que expressará em palavras sua forma de pensar, ele diz:

“Posto que já veja irados

Muitos lorpas enfiados

Vomitando maldições,

Contra as minhas reflexões.

(...)

E que os homens poderosos

Desta arenga receosos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Hão de chamar-me Tarelo

Bode, negro, Mongibelo;”

Essa consciência de crítica (ou até mesmo rechaçamento) que o autor supõe ser alvo antes mesmo de expor ao público sua obra escrita é em virtude da singularidade com que trata o assunto sobre o qual discorre. E ainda que alvo de más críticas ou não aceitação de seu ponto de vista, o autor revela não se importar com tal posicionamento alheio à sua forma de colocar-se:

“Porém eu que não me abalo

Vou tangendo o meu badalo

Com repique impertinente,

Pondo a trote muita gente.”

O poema atende à necessidade de evidenciar a situação de ser enquanto humano independente de sua cor ou raça, uma vez que enquanto humanos estamos todos sujeitos às mesmas privações. O termo “bode” foi usado, durante certo tempo, com propósito de ridicularizar o negro, - pensando na figura do animal, bode, enquanto mal cheiroso, servil, comerciável e útil. Pois, assim era considerado o negro na imagem de uma sociedade escravista, que comercializava, tinha por servil e por “objeto de uso”, para atender às suas necessidades, os sujeitos escravizados.

Fica claro que o autor assume um compromisso, na posição de defensor, com a causa negra. Pois, destaca a figura do bode como representativa de todo indivíduo, não apenas do negro, pondo todos em “pé de igualdade”:

“Se negro sou, ou sou bode

Pouco importa. O que isto pode?

Bodes há de toda casta

Pois que a espécie é muito vasta...

Há cinzentos, há rajados,

Baios, pampas e malhados,

Bodes negros, bodes brancos,

E, sejamos todos francos,

Uns plebeus e outros nobres.

Bodes ricos, bodes pobres,

Bodes sábios importantes,

E também alguns tratantes...

(...)

Cesse, pois, a matinada

Porque tudo é bodarrada.”

Não se pode deixar de considerar que se trata de uma crítica de tom satírico, pois, tal como os negros eram ridicularizados ao serem chamados de “bode”, o termo exerce a mesma



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

função quando dirigido a autoridades e figuras notáveis para a sociedade (aristocracia e homens/mulheres de poder e representatividade da época). O próprio autor representa no poema algumas dessas figuras sociais:

Nobres, Condes e Duquesas,

Ricas Damas e Marquesas

Deputados, senadores,

Gentis-homens, vereadores;

Belas damas empoadas

De nobreza empantufadas;

Repimpados principotes,

Orgulhosos fidalgotes,

Frades, Bispos, Cardeais,

Fanfarrões imperiais,

Gentes pobres, nobres gentes

Em todos há meus parentes.

Entre a brava militança

Fulge e brilha alta bodança;

Guardas, Cabos, Furriéis

Brigadeiros, Coronéis

Destemidos Marechais,

Rutilantes Generais,

Capitães de mar-e-guerra

- Tudo marra, tudo berra –

➤ **Enunção do negro no século XXI**

Podemos dizer que a concretização da literatura negra se deu a partir do final do século XX e ganha cada vez mais força no século XXI. Isto porque, a representação do negro na sociedade e na literatura brasileira tem sido tema de grandes discussões nos últimos anos e se deve a conquista de espaço e direitos dos negros na sociedade atual. É claro que, a luta por igualdade entre negros e brancos não está ganha. Contudo, é plausível a afirmação de que algumas situações mudaram para melhor. Com a implantação das políticas públicas de igualdade social que através de programas, diretrizes, leis e indicativos visam compensar as injustiças sofridas pelos negros no período de escravidão e durante toda a história do Brasil o que se percebe é que já se desenvolve um novo cenário, no que diz respeito à representatividade do negro atualmente. Quanto a isso, vale destacar a importância da literatura negra, LIEBIG (2003) afirma que “[...] a literatura afro-brasileira, embora a essa



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

altura consciente da necessidade de preservação dos valores tradicionais africanos, iria propor uma inserção do negro na corrente da nossa vida social e política.” (p. 52). Hoje, já podem ser consideradas conquistas concretas a criminalização do racismo, a auto afirmação da negritude e das raízes culturais africanas, a simbologia das datas comemorativas que representam a luta por igualdade racial e a criação de documentos oficiais direcionados a pluralidade cultural para o direcionamento do ensino. Além disso, embora haja pouca expressividade o acesso dos negros às universidades e a cargos de renome do cenário político e no mercado de trabalho. Ou seja, apesar das inúmeras desigualdades que ainda permeiam as questões raciais o que parece é que caminhamos cada vez mais para acabar com as injustiças e para alcançarmos a igualdade entre brancos e negros, mesmo que esta realidade esteja distante. Não é possível falar de Brasil sem falar em pluralidade cultural, miscigenação, diferenças, multiculturalismo, isto porque, a formação do Brasil, como se sabe, desde a colonização foi pautada pela imigração de diversos povos e culturas constituindo assim um país heterogêneo. Foi da junção de povos africanos, europeus, índios, espanhóis, alemães, entre outros, que se formaram as bases para a construção do que hoje

entendemos como povo brasileiro; e por esse motivo, é um grande equívoco a busca ou valorização por uma “raça pura” ou privilegiada. O povo brasileiro é mistura de culturas, ritmos e sabores e homogênisá-lo é escravizá-lo a uma realidade que não o pertence. Por isso, sendo a literatura uma das mais expressivas formas de retratar a sociedade, a política, o povo, os costumes, os valores e crenças moldam-se a essa realidade e o negro ganha a oportunidade de expor nas mais diversas expressões artísticas e literárias expondo suas causas e particularidades. É importante deixar claro que quando se fala em literatura negra não somente é necessário que o autor seja negro como princípio para constituí-la, outras características precisam estar contidas nessas expressões. Segundo LIEBIG, 2003, “[...] a literatura negra – enquanto construção de uma subjetividade – medeia o combate entre uma identidade que é atribuída ao negro e que, usando uma expressão de Bernd, “se coagula em esteriótipo””(p. 58). Os textos são centralizados na realidade da situação sócio-histórica do negro e de seus descendentes e seus conteúdos trazem um caráter de manifesto. Além disso, as obras são comprometidas com a dimensão da luta contra o racismo. O ponto de vista é do negro que emerge no texto como eu enunciador, assumindo os rumos de sua enunciação. A



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

temática dominante é o negro na sociedade, o resgate de sua memória, tradições, religiões, cultura e a denúncia contra o drama da marginalidade do negro na sociedade brasileira devido, sobretudo, à persistência de diferentes formas de discriminação racial.

Conceição Evaristo é uma autora, nascida em Belo Horizonte, em 1946, que possui escritos que exprimem uma realidade de construção de espaço do ‘eu’ enunciator, do ‘eu’ que possui essa oportunidade de fala. Vejamos um de seus poemas:

Vozes mulheres

“A voz da minha bisavó

Ecoou criança

nos porões do navio.

ecoou lamentos

de uma infância perdida.

A voz de minha avó

ecoou obediência

aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe

ecoou baixinho revolta

no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

se fará ouvir a ressonância

o eco da vida-liberdade.”

Vemos aqui a expressão do sentir, do ver e do emergir de uma consciência repleta de visões e denúncia . O poema “Vozes mulheres” denuncia marcos que se evidenciaram em determinados espaços de tempo. Representa uma cronologia temporal de escravidão, servidão, transição entre esse espaço de submissão e um espaço que ecoará liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender os contextos de convivência social e histórica aos quais o negro foi submetido, reforça a necessidade de construção e desenvolvimento não apenas de uma literatura, mas de um contexto social voltado para a valorização da cultura, identidade e história do negro enquanto indivíduo capaz de ter e fazer ressoar voz. Uma voz que não apenas ecoe, mas que marque e evidencie que além da marginalização, escravização e desvalorização do negro, há indivíduos comprometidos em buscar e fazer valer seu espaço na sociedade. Sendo isto não apenas por merecimento, mas por se tratar de indivíduos que possuem capacidade intelectual, cultural, social de ter

seu espaço e se destacar nos mais diversos âmbitos sociais.

REFERÊNCIAS

LIEBIG, S. M. Dossiê Black & Branco: Literatura racismo e opressão nos Estados Unidos e no Brasil/ Sueli Meira Liebig. João Pessoa: Idéia, 2003.

Do livro: “Primeiras trovas burlescas de Getulino” (1861), *in* TROVAS BURLESCAS E ESCRITOS EM PROSA. Org. Fernando Góes. - São Paulo: Cultura, 1944.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br